



# FAMÍLIA EM SITUAÇÃO DE RISCO E REDE SOCIAL DE APOIO: UM ESTUDO EM COMUNIDADE DE PERIFERIA METROPOLITANA

Edna Martins<sup>1</sup>  
edna.martins@unifesp.br

## Resumo

Este estudo tem o objetivo de compreender como se configuram as formas de apoios oferecidos pela rede social às famílias no trabalho de proteção e socialização das crianças de uma comunidade da periferia metropolitana na cidade de São Paulo. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, foram utilizados para essa coleta de dados, entrevistas reflexivas realizadas nas casas das famílias participantes do estudo. A análise dos dados nos moldes da *grounded-theory* indica que as famílias possuem vínculos com outras pessoas e instituições fora do espaço familiar, apontando para uma significativa rede social que fornece apoio na tarefa de proteção e socialização de crianças. Concluiu-se que as redes sociais formadas pela vizinhança, igreja e creche parecem desempenhar importantes funções no cotidiano dessas famílias, expostas à privação e a condições adversas de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Famílias • Rede social de apoio • Socialização • Práticas educativas

## ABSTRACT

This study aims to understand how to configure forms of support offered by the social network for families in protection work and socialization of children on the outskirts of a metropolitan community in São Paulo. Because it is a qualitative research, were used to collect data reflective interviews that were conducted in the homes of families participating in the study. Data analysis along the lines of grounded-theory indicates that families with ties to other people and institutions outside the family, pointing to a social network that provides significant support in the task of protection and socialization of children. It was concluded that social networks formed by neighborhood, church and child care appear to play important roles in the daily life of these families, exposed to harsh conditions and deprivation of life.

**KEY WORDS:** Families • Social networking support • Socialization • Educational practices

<sup>1</sup> Dra. em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora da Universidade Federal de São Paulo - Campus Guarulhos.

## FAMÍLIA, COMUNIDADE E REDE SOCIAL DE APOIO

Muitas famílias que vivem atualmente a realidade das periferias dos grandes centros metropolitanos e assumem a difícil tarefa de educar seus filhos para a vida em sociedade, passam por inúmeras dificuldades que vão desde aquelas ligadas às necessidades de sobrevivência como moradia, segurança, transporte e saúde, até àquelas ligadas à formação moral e escolarização de suas crianças. Há uma variedade de estudos que apontam as dificuldades dessas famílias que vivem em situação de vulnerabilidade, no processo de inserção da criança no mundo adulto Martins e Szymanski (2004); Martins e Szymanski (2006); Ynes *et al.* (2007) e das dificuldades pela falta de políticas públicas a elas destinadas Cerqueira (2010); Sart (2003); Cardoso e Féres-Carneiro (2008).

Grande maioria dessas famílias que vivem em condição de pobreza acaba por ter como suporte para as suas necessidades uma rede de apoio constituída pela própria comunidade em que vivem. Essa rede de apoio, também denominada de rede social, pode ser composta pelo grupo de pessoas e instituições nas quais os membros da família transitam e se relacionam. Essas relações, majoritariamente são percebidas por esses indivíduos com significados afetivos construídos a partir das relações positivas que se estabelecem com outros seres humanos. A rede de apoio tem o poder de fornecer uma gama variada de elementos às famílias que, sozinhas ou isoladas em seus núcleos, estariam limitadas na tarefa de proteção e educação de suas crianças.

Uma pesquisa recente de Gonçalves *et al.* (2011), realizada a partir de estudos brasileiros que avaliavam o apoio social, concluiu que muitos outros termos são utilizados para se referir àquilo que chamamos comumente de rede social de apoio. A pesquisa

detectou que além dos termos “apoio social”, “rede social” e “suporte social”, também foram encontrados outros nominativos tais como “rede de suporte social”, “rede de relações”, “suporte familiar” e “suporte psicossocial” dentre outros, todos conceituados da mesma forma.

Jussani *et al.* (2007, p. 185) apontam que a rede social de apoio pode ser vista como “uma espécie de terceiro campo do parentesco, da amizade, da classe social; um círculo social constituído por traços de afinidade, formando uma teia que une as pessoas”. Essa rede está em constante movimento e modifica-se com o passar do tempo, assim como mudam as relações sociais, os grupos e as instituições pelas quais as pessoas transitam em suas vidas cotidianas. As autoras destacam a importância da rede social de apoio na vida das famílias, principalmente no enfrentamento de adversidades ou em momentos de emergências que ocorrem no cotidiano das famílias. Nesse sentido, pode-se afirmar que, para famílias que vivem em condições de vulnerabilidade, esses suportes recebidos pela rede de apoio social formados por essas pessoas da comunidade ou vinculadas a essas famílias são de extrema importância para a manutenção do equilíbrio familiar no processo do enfrentamento de situações que envolvem as mudanças no seio da família, assim como importante meio na socialização de crianças pequenas.

Nas periferias urbanas das grandes cidades a família tem a dura tarefa de educar suas crianças num contexto de dificuldades, inseguranças, violência e falta de apoio social oferecido pelas instituições públicas. O que se pode notar quando se vivencia uma parcela do cotidiano dessas comunidades é a amplitude dessa rede interna que consegue informalmente oferecer o mínimo de apoio mútuo, principalmente no que se refere ao cuidado e à educação das crianças. Bronfenbrenner, (1996)





afirma que a possibilidade das famílias apresentarem efetivamente um bom desempenho em seus papéis de educadoras, depende das exigências dos papéis, dos estresses vividos por essa família e do apoio que ela recebe de outros ambientes fora da família. A presença de outras pessoas não só da família, como vizinhos e amigos, a flexibilidade dos horários de trabalho dos familiares, assim como a qualidade dos serviços sociais de saúde e segurança do bairro são de essencial importância para ajudar os pais em suas práticas educativas com as crianças.

Muitos estudos recentes são quase unânimes em destacar a importância das redes de apoio e das relações sociais tanto para a saúde física, quanto para a saúde mental das pessoas. Esses trabalhos também realçam essas redes sociais como importantes fontes de proteção e apoio aos grupos, no auxílio ao enfrentamento de situações cotidianas, como, por exemplo, nos casos em que membros das famílias passam por doenças crônicas ou agudas, estresse, crises ou conflitos, vulnerabilidade e risco social (ARAÚJO *et al.* 2011; GONÇALVES *et al.* 2011; MARCON *et al.* 2009).

Nas comunidades mais pobres localizadas nas regiões periféricas de São Paulo é visível a presença dessa rede social de apoio. É a esse grupo social que a família, na figura de seus membros, quer sejam adultos, crianças ou jovens recorre no primeiro momento de qualquer dificuldade ou problema do dia-a-dia. O apoio social recebido por essas famílias no âmbito das redes sociais vem ao encontro do que sugerem Due *et al.* (1999) quando afirmam que essa rede de suporte social tem direta relação com elementos qualitativos e comportamentais contidos nas relações interpessoais e consistem em quatro tipos: 1) apoio emocional, relativo à afetividade; 2) apoio com recurso instrumental que se configura nos auxílios de necessidades materiais em

geral, por exemplo, ajuda em trabalhos cotidianos como limpar uma casa, preparar uma refeição, como também ajudar financeiramente; 3) apoio de informação: dar conselhos, sugestões ou orientações no caso de resolução de conflitos e 4) apoio na interação social que se relaciona ao fato de poder ter pessoas com quem se pode conversar, sair, se divertir e descontraí-lo.

Assim, são várias as pessoas que podem oferecer quaisquer um desses suportes à família e aos seus membros, colaborando para a melhoria de sua qualidade de vida e com a difícil tarefa de educar e proteger as crianças que, muitas vezes, podem estar em situação de risco vivenciando as adversidades comuns observadas em comunidades de periferias urbanas. Dado o exposto, este trabalho teve o objetivo de compreender como se configuram as formas de apoios oferecidos pela rede social às famílias no trabalho de proteção e socialização das crianças de uma comunidade da periferia metropolitana na cidade de São Paulo.

## METODOLOGIA

### 1-A comunidade

A comunidade “Vista da Serra” é composta de famílias que firmaram suas residências em mais um dos loteamentos que engrossam as estatísticas do mapa da exclusão social na grande metrópole de São Paulo. Caracterizada por uma população que constitui a grande periferia da cidade, os moradores se arranjavam inicialmente como podiam, morando em ruas sem asfalto, sem rede de água e esgoto, com iluminação elétrica completamente clandestina, com pouca oportunidade de lazer, educação e trabalho.

Originalmente as casas da vila foram construídas às pressas para abrigar as famílias que já não tinham para onde ir. De um modo geral, o loteamento foi ficando talhado de “barra-



cos” provisoriamente construídos em pequenos espaços, de forma bastante rudimentar, com restos de madeira, plástico, retalhos de lajes e pedaços de blocos de tijolos quebrados, conforme aponta uma das entrevistadas:

... a gente ouviu falar que aqui estavam dando terreno. Os primeiros moradores que vieram a Prefeitura dividiu. Porque é assim: Sempre aparece “Ah estão dando terreno!!” Daí aquele povo vai e cerca um pedacinho. ...Daí eu fiquei sabendo que aqui estava vendendo terreno (...) Aí a gente veio, mas não nos interessamos pelos terrenos, mas tinha esse barraquinho, daí a gente comprou. Era um barraquinho que no dia em que eu mudei, eu tinha um guarda-roupa que tinha maleiro, eu tive que serrar de tão baixo. A cozinha, o meu marido não cabia em pé. Era assim, bem pequenininho. (Vânia, Família Torres).

Atualmente a maioria das casas já é de alvenaria, com aparência de inacabadas, demonstrando as constantes reformas e o crescimento dos espaços de morar que, passo a passo, cada família procura melhorar. Algumas casas ainda lembram bastante os conhecidos barracos das favelas paulistanas, construídos de retalhos de vários materiais e, constituem pequenos locais onde muitas famílias moram amontoadas.

...Daí a gente ficou no barraco, modificou o barraco, cresceu mais, porque a minha família era eu, o meu marido, cunhado, sobrinho, irmão meu. Tinha 15 pessoas morando aqui dentro nesse barraquinho... A gente arrumou o barraco, aí depois a gente comprou material e construiu. (Vânia, Família Torres)

A fisionomia da vila teve uma mudança nos últimos anos. O aumento de casas de alvenaria e a instalação de água, rede de esgoto e eletricidade fizeram com que esse loteamento começasse a ter uma aparência real de uma comunidade com muitas crianças pela rua, mulheres indo às compras,

rodeadas de filhos, indo às casas das vizinhas ou apressadas para o trabalho; o jogo dos jovens no campinho de futebol ou ainda a farra de homens jogando bilhar ou bebendo nos inúmeros botequins, que proliferam na comunidade, tanto e tão rapidamente quanto as igrejas pentecostais.

## AS FAMÍLIAS PARTICIPANTES

As questões relativas ao tema deste trabalho foram tratadas com 2 famílias que voluntariamente se dispuseram a participar. Os únicos requisitos para a participação eram que fossem moradoras da comunidade “Vista da Serra” e que possuíssem filhos com idades entre zero e cinco anos, frequentando a creche municipal dessa comunidade. As famílias assinaram os termos de consentimento livre e esclarecido e todas as questões éticas foram respeitadas neste estudo, incluindo-se a alteração de nomes de pessoas e de lugares, resguardando-se o sigilo das informações. As famílias entrevistadas foram simbolicamente chamadas de Família Jardim e Família Torres.

**1- Família Jardim:** Na casa da família vivem oito adultos e cinco crianças. A Sra. Alice é uma mulher de seus 48 anos, negra que faz tratamento de quimioterapia no combate a um câncer de mama. Depois que ficou viúva (o marido foi assassinado) casou-se novamente com Sr. Carlos. Sua filha Léia (25 anos) é a mãe das duas crianças pequenas da creche (Miguel e Gabriela) e está grávida de seis meses do pai das crianças que se encontra preso. A casa construída na vila fora uma ajuda da pessoa a quem a Sra. Alice prestou serviços domésticos pelo menos uns 3 anos. Léia estudou até a oitava série e a mãe, até a quarta série do ensino fundamental.

**2 - Família Torres:** Na casa da família vivem Vânia e seus quatro filhos, Mirian de 15 anos, Kleber de 12, Kathia de 7 e Helen de 4 anos, que fica na creche. O marido de Vânia foi as-





sassinado há 4 anos muito próximo da casa. Vânia parou no começo do ensino fundamental, e hoje trabalha na comunidade em serviços gerais e também na cozinha. A rua em que fica a casa da família, parece mais um atalho ou uma trilha por dentro de um mato baixo, numa descida bem acentuada, com vários buracos provocados pela erosão. Pela trilha podem-se se ver alguns barracos e casas simples enfileirados até o final, onde mora a família.

### INSTRUMENTOS

As famílias participaram de uma entrevista inicial que trouxe dados sobre os meios utilizados para a educação de seus filhos pequenos no relacionamento em casa, práticas educativas e rede social de apoio. Num segundo momento, as famílias passaram por uma “entrevista reflexiva” Yunes e Szymanski (2005), que explicitou melhor as suas falas anteriores, trazendo algumas mudanças em suas colocações iniciais. Esse momento serviu também como uma devolutiva sobre os dados coletados e pré-examinados

Análise dos dados: a *grounded theory*

Buscando uma opção capaz de fornecer maior abrangência de olhares sobre o fenômeno social, optou-se pela utilização da *grounded theory* ou teoria fundamentada nos dados, proposta por Glaser e Strauss (1967), Strauss, (1990) e descrita por Yunes e Szymanski (2005). Este método de análise de dados é definido como um método indutivo o qual por meio de um olhar qualitativo, trata-se de uma teoria que se deriva a partir dos dados obtidos pelo estudo de um fenômeno. Sendo assim, não existe uma teoria *a priori* na qual o investigador se baseie única e exclusivamente para a análise dos dados coletados. É por intermédio da coleta sistemática de dados e de sua análise que a teoria é descoberta e desenvolvida.

### O CONTEXTO DA COMUNIDADE: VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE

A violência é algo bastante presente nas vidas das famílias da comunidade, onde assassinatos são frequentes e a segurança pública não inspira confiança. A Família Jardim tem consciência do perigo que a cerca e relata que as crianças são testemunhas oculares de crimes cometidos por alguns dos moradores e muitas vezes acabam desenvolvendo alguns medos por conta da ameaça constante que as rodeiam.

... porque aqui a gente não sabe a hora que vai acontecer alguma coisa (...) Que nem da outra vez que a minha mãe estava saindo com eles para ir para fora, no que minha mãe estava ali, eu já senti um movimento errado ali, aí eu corri aqui no portão e falei: mãe entra que vai acontecer alguma coisa! Quando minha mãe pisou no portão com eles, começou um tiroteio ali. Dali estava vindo para cá o tiroteio e minha mãe estava indo para lá. (Léia, Família Jardim)

A violência vivida pelas famílias aparece claramente nos relatos dos entrevistados. O mais aterrador é o contato que as crianças têm com cenas violentas nesse contexto. As falas das famílias demonstram a dificuldade de realizar a socialização de crianças num local com tantas adversidades e riscos:

Já matou o homem ali na esquina (...) Matou aqui na esquina. Quer dizer que as crianças veem isso. Vê mesmo ao vivo. (Alice, Família Jardim)

Segundo relatos das famílias, as crianças desenvolvem medos, afetadas pelo sentimento de insegurança e pelos episódios vividos no cotidiano da comunidade.

... Daí eu levei eles lá em cima para pegar bolo e doce. Aí a gente estava tudo lá em cima começou um tiroteio. Depois daquele dia, o Miguel mesmo, ele não pode ouvir barulho de balão, rojão que ele corre para dentro de

casa e fica perto de mim assim, e morre de medo. (Léia, Família Jardim)

Para a Família Jardim, o melhor meio para se livrar de confusões e se manter longe do perigo é se fechar em suas casas. A vida das crianças dessa família, segundo relatos, se resume basicamente em ir para a creche e depois para dentro de casa. Podem apenas brincar em um pequeno quintal, mas irem até a rua, na qual quase nunca passam carros, é quase impossível, a não ser que algum adulto esteja junto.

É melhor deixar eles aqui trancado. Eles ficam trancados o tempo inteiro. Eles vão para a creche, chegou, depois entrou o portão é trancado, é só aqui dentro de casa. Quando nós saímos com eles para fora eles saem junto com a gente, ou comigo ou com ela, ou essa daqui quando está em casa, mas é só com nós, com os outros não. (Alice, Família Jardim)

Vivendo nesse contexto com tantos fatores de vulnerabilidade e risco, as crianças acabam por pagar um preço muito alto: são privadas do convívio com outras crianças da comunidade e a rede social que poderia ser ampliada por essas relações, é, na maioria das vezes, resumida pelas interações ocorridas na creche ou na escola. Quando as crianças saem, devem ser sempre acompanhadas dos mais velhos.

O Fábio, de dez anos, é o que mais a gente não deixa sair. Porque aqui tem muita coisa errada e se deixar já vai criando naquela coisa de ir aprendendo o que não presta. Então, nós não deixamos mesmo. Ele chora querendo. Agora mesmo ele desceu, mas foi com o meu grandão que acho que foi jogar bola ali e ele foi junto, mas eu fico em cima. Eu (risos), eu com os meus netos eu gosto que fiquem junto comigo. (Alice, Família Jardim)

## AS CONFIGURAÇÕES DA REDE SOCIAL DE APOIO NA SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

Os ambientes, nos quais a família

procura educar os filhos, apontados por Bronfenbrenner (1996), possuem influência direta no comportamento e no desenvolvimento das crianças. O impacto que os ambientes da comunidade e suas interligações têm no desenvolvimento das crianças, sem dúvida, é substancial. Instituições como a creche, a igreja ou a escola também são importantes agentes nesse contexto de desenvolvimento. Garnezy (1991), em estudos com crianças em situação de pobreza, observou que alguns dos atributos positivos observados nessas crianças eram instalados pela família, alguns pela escola e ainda outros por instituições como a igreja. Segundo o autor, os fatores de proteção fornecidos por essas instituições podem favorecer o desenvolvimento da auto estima e evitar efeitos que contribuem para tendência antissocial e que comprometem a vida de jovens que vivem em ambientes marcados pela privação.

As duas famílias entrevistadas buscam ajuda de outras instituições, na ampliação do seu trabalho de educadora e socializadora. Suas crianças vão para a creche ou escola e, como herança dos patriarcas da família, todos vão à igreja ou, pelo menos, encaminham os filhos pequenos na doutrina na qual foram criados.

Como importante fonte de apoio no trabalho diário de proteção e socialização de suas crianças, as mães entrevistadas apontam a igreja que frequentam e onde as crianças aprendem alguns princípios morais. Quando encaminham os filhos à igreja, as famílias buscam respaldo no que diz respeito à educação moral das crianças, assim como na busca de melhores companhias. Apesar de não ser um membro assíduo da igreja, Léia, mesmo quando não pode estar lá, manda os filhos juntamente com sua mãe e irmãos para que esses possam seguir por um caminho que acredita seja correto.

As outras instituições que se desta-





cam nas falas da família são a creche e a escola, que poderão dar aos seus filhos uma educação sistemática e fornecer a eles a possibilidade de um futuro seguro, diferente da história de vida dos adultos da família, que pouco estudaram. Sendo obrigada a trabalhar de empregada doméstica, Léia se lembra dos conselhos da mãe para que não abandonasse os estudos, por isso, hoje, quer que seus filhos frequentem a escola e em suas práticas educativas tenta passar para as crianças a importância de se ter um bom nível de escolaridade.

Outras fontes de apoio também aparecem nesses relatos das famílias, organizando uma malha de relações na qual todos estão inseridos. Essas fontes de apoio psicológico, financeiro ou instrumental podem ser claramente observadas quando, por exemplo, uma família tem a oportunidade de ouvir de um vizinho algumas dicas de como criar seus filhos ou mesmo quando pode dispor da ajuda de uma amiga para ficar com as crianças quando estão doentes.

### 1- A REDE DE APOIO FORMADA PELA VIZINHANÇA

Pelo próprio perigo que o bairro representa, as famílias relatam que não se pode confiar em qualquer pessoa da comunidade, por isso a Família Jardim parece se relacionar muito pouco com os seus vizinhos. Procura “se dar bem” com todos, talvez com o único intuito de não criar confusão com ninguém, fugindo, assim, de qualquer perigo que um conflito pode representar. As crianças da Família Jardim convivem basicamente com os seus companheiros de creche e com irmãos e primos que moram na mesma casa, raramente tem um contato social com vizinhos próximos ou distantes. Entretanto, apontam em suas falas que são solidários com os vizinhos, demonstrando a presença de uma rede social de apoio.

A gente se dá com todo mundo, mas

só que eles lá e nós aqui. Se precisou de nós aqui, a gente podendo serve, sabe? ... A Vera que é minha vizinha, que não tem como andar, quando nós chegamos aqui ela era bêbada, bêbada, bêbada. Nós lutamos até tirar a bebida dela. Hoje ela é uma senhora que precisa de ver, ali a Vera. Ela assim, não bebe mais, é uma senhora saudável... A gente ajuda assim, mas nós estarmos enfiado na casa deles e eles enfiado na minha casa, eu acho que não é necessário. (Alice, Família Jardim)

Contudo, a proximidade das casas, no caso da comunidade pesquisada, oferece a possibilidade de um contato ainda maior com a vizinhança. As crianças acabam se envolvendo com outros pares que moram perto e as famílias podem obter ajuda de seus vizinhos numa hora de urgência ou em trivialidades do seu cotidiano. Esses vizinhos acabam se tornando pessoas muito importantes para algumas famílias, desenvolvendo relações de afeto e cuidado entre seus membros, como afirma Vânia.

...porque a Carla é uma pessoa que me deu muita força, é uma pessoa que eu posso contar com ela para toda hora: é de noite, é de dia, qualquer coisa que eu precisar ela está sempre aí. Ela e o marido dela são... É assim, eu tenho os meus irmãos, mas o amor que eu tenho pelos irmãos, eu acho que o que eu tenho pela Carla chega a ultrapassar... Então eu falo: “Pode acontecer o que quiser, eu não quero perder a amizade da Carla e do Zeca não. (Vânia, Família Torres)

Estudos de Oliveira e Bastos (2000) apontam que a família de camada popular utiliza intensamente toda a rede informal de apoio social disponível perante as várias dificuldades que encontram em seu cotidiano, dentre elas o cuidado com os problemas de saúde dos filhos. Essa rede formada pelos parentes, amigos ou vizinhos é a mais utilizada em situações específicas em que a família não consegue encontrar saídas para solucio-



nar um problema. Num desses casos, a Família Jardim aponta o que ocorreu quando precisou de ajuda para cuidar dos outros filhos, quando teve um problema de saúde na família.

... a Helen que precisou fazer uma cirurgia e ficou 8 dias internada. Se não fosse a minha vizinha... Nesse tempo eu chorei tanto lá no hospital... Porque se não fosse a Carla, minha colega, meus filhos tinham ficado sozinhos. (Vânia, Família Torres)

Outra importante fonte de apoio dos vizinhos está configurada nos mutirões para a reforma ou a construção de casas na comunidade. O apoio técnico-instrumental vindo das mãos de homens e mulheres da vizinhança é primordial para que a comunidade consiga prover a segurança de um teto para viver com sua família. A fala de Vânia expressa esse suporte que ela encontra na vizinhança.

...e o marido dela também, que graças à Deus fez uma coisa pra mim que não tem preço... meu marido se fosse vivo não sei se teria feito. No caso, meu marido deixou essas paredes, só em ponto de laje. Daí o Zeca falou assim: “Se você comprar o material, eu bato a laje para você”... Ele trabalhava das sete da manhã até as sete da noite e não me cobrou um centavo. E quando eu falo assim: “Zeca, eu tenho fé em Deus que um dia eu te dou um agrado”. Porque pagamento, eu jamais vou pagar isso que ele fez por mim e pelos meus filhos... Daí ele me fala: “Não. Você não me deve nada”. Então quer dizer que é uma coisa que só Deus pode pagar para eles. (Vânia, Família Torres)

Nas comunidades das grandes periferias urbanas, as relações com a vizinhança persistem de forma intensa e duradoura e é muito diferente do que ocorre em bairros de classes sociais mais abastadas. Quem já teve a oportunidade de observar os modos de vida dessas populações descobre que é comum uma vizinha pedir uma xícara de açúcar ou farinha emprestada, ou usar

o fogão da outra família quando acaba o gás e, ainda, alguns amigos fazerem reuniões em finais de semana para “bater uma laje” (construir o telhado da casa à base de concreto). Dessa maneira essa rede de solidariedade pode diminuir as dificuldades experimentadas pelas famílias, suprindo necessidades básicas, construindo relações afetivas e sociais numa nova forma de significar o mundo.

## 2- A REDE DE APOIO CONSTITUÍDA PELA IGREJA

As famílias entrevistadas, assim como muitas outras da comunidade “Vista da Serra”, buscam força para a luta diária na religião da qual fazem parte. Evangélicos como eles mesmos se denominam, essas pessoas tentam manter os filhos longe dos conflitos e ameaças urbanas, como a droga e o crime, por exemplo, encaminhando-os logo cedo à igreja. É com o grupo de pessoas que acredita nas mesmas coisas e através de uma doutrina rígida para educar os filhos, que as crianças dessas famílias começam a ser socializadas no mundo exterior ao da família. Às vezes, alguns membros das famílias não são verdadeiramente da igreja evangélica, mas tendo sido criados junto aos preceitos e ensinamentos presentes nessa religião, querem que os filhos sejam educados do mesmo modo que eles. A ajuda das pessoas da igreja também representa importante fator no desenvolvimento emocional das duas famílias que enfrentaram perdas familiares violentas e dolorosas.

... eles vieram muito sabe? Fizeram muita oração por mim. Até hoje, tem hora que eu penso assim; “Ah, meu Deus, será que vale a pena todo esse sofrimento... Lutar...” Ah, mas vale porque eu tenho os meus filhos. Eu te digo uma coisa: se eu não tivesse ido procurar a igreja eu não sei o que seria de mim. Eu acho que eu deveria beber, eu deveria fumar, porque a primeira coisa que eu tinha na minha cabeça era encontrar quem tinha





feito aquilo. Eu queria vingança, mas graças a Deus que Deus não deixou eu fazer isso, porque senão eu estava perdida. (Vânia, Família Torres)

Já a Família Jardim tem lembranças do patriarca que era pastor da igreja onde eles cresceram. Ele morreu assassinado quando estava saindo com a filha para a igreja. Hoje, seus filhos ainda vão à igreja e participam de alguns cultos. Como aponta a senhora Alice, alguns dos filhos casados não são verdadeiramente da igreja evangélica, mas foram criados junto aos preceitos e ensinamentos presentes nessa religião, e querem que seus filhos sejam educados do mesmo modo que eles.

A minha Marta até hoje tem trauma. Porque ele morreu com ela no colo. Porque ela não largava dele e ele ia para a igreja, porque ele dirigia uma igreja. E ele ia para a igreja e ela ia com ele, não ficava comigo. E ele estava com ela no colo. Eu arrumava ela antes para ela ir com ele. Ele ia saindo para igreja. Quando ele saiu assim... Era pastor da Assembleia mesmo".(...) Eu nasci no berço do evangelho. Depois dei uma desviada, mas depois voltei. As crianças foram todas criadas no evangelho. (Alice, Família Jardim)

Mesmo quando eu não ia para a igreja. Porque eu não ia, aí eles iam com a minha mãe... Daí minha mãe leva todos. Vão todos para igreja. (Léia, Família Jardim)

### 3-A REDE DE APOIO FORMADA PELOS EMPREGADORES

A maioria das mulheres que trabalha de empregada doméstica em casas de família acaba criando com essas pessoas um forte vínculo, fazendo com que seus empregadores se solidarizem com seus problemas acabando por ajudá-las em dificuldades do dia-a-dia ou conseguindo recursos médicos, psicológicos ou odontológicos para suas crianças. O apoio financeiro também vem em forma de cestas de alimentos, roupas e brinquedos. Fazendo parte da

rede social de apoio às famílias, esses empregadores são importantes aliados dessas mães que são chefes de família e tentam buscar o melhor para educar os seus filhos.

...ele tem dentista, porque ele está usando aparelho... que isso, graças a Deus, foi uma ex-patroa minha, que eu trabalhei com ela e eles são muito bons. Até hoje, eu saí de lá, mas eles falam: "Ó Vânia, a hora que você precisar da gente, você pode procurar a gente". Aí o ex-marido dela é professor dos dentistas lá do sindicato odontológico, então ele arrumou. A Mirian usou, agora o Kleber foi, ligou lá, arrumou também. (Vânia, Família Torres)

A casa em que a Família Jardim mora atualmente é fruto de ajuda da pessoa para quem a Sra. Alice prestou serviços durante anos. A partir dos relatos das empregadas, seus patrões se solidarizam e acabam auxiliando com dinheiro, roupa, alimentos e outros elementos na subsistência das famílias.

(...) Era difícil para a minha mãe criar a gente. Minha mãe pagava aluguel. A gente não tinha estudo direito. A gente não tinha roupa direito, aí só quando ela começou a trabalhar nessa casa que a patroa dela começou a ajudar e que ajudava bastante, porque ela que dava o material, porque se fosse pela minha mãe, ela não ia ter condições.... (Léia, Família Jardim)

O apoio informal recebido dos empregadores é essencial para o desenvolvimento das crianças no que se refere às informações que as mães podem receber dessa fonte ou ainda meios materiais importantes para a sua sobrevivência. Bronfenbrenner (1996) afirma que esse tipo de apoio pode influenciar o desenvolvimento das crianças, mesmo quando vem de lugares e pessoas com as quais elas não convivem diretamente. No local de trabalho das mães podem ocorrer eventos que a afetem profundamente,



mesmo quando essas situações de suporte não aconteçam de modo visível. Relacionados a essa questão estão, por exemplo, os conselhos, orientações e encaminhamentos recebidos dos empregadores pelas famílias em seus locais de trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente no Brasil, com a urbanização e a industrialização ocorridas ao longo do tempo, principalmente das grandes metrópoles, a vida das famílias que vivem em periferias vem sendo profundamente afetada por múltiplos fatores. O processo migratório de famílias inteiras das regiões norte e nordeste em busca de trabalho e de melhores condições de vida foi afastando as pessoas para as comunidades periféricas onde as condições de sobrevivência são adversas e, em muitos casos, insalubres. Segundo Oliveira e Bastos (2000), nas famílias que vivem em estado de pobreza, com baixa renda, o impacto desses processos pode ser maximizado diante da inexistência ou precariedade dos serviços de atendimento, como também pela falta de políticas públicas destinadas a essa população. Desse modo, as relações afetivas parecem constituir para muitas famílias uma das únicas bases de apoio, no compartilhamento de problemas, conflitos ou dificuldades enfrentadas no dia-a-dia.

Embora as famílias pesquisadas vivam em condições de vulnerabilidade, os dados desta investigação mostraram que existe na comunidade uma rede social de apoio que se configura de variadas formas. Além da ajuda esporádica da família extensa, outras pessoas da vizinhança e outras instituições como a creche, a escola e a igreja podem ser úteis no fornecimento de suporte a essas famílias, sobretudo no cuidado e educação das crianças e jovens.

Este trabalho também concluiu que as mulheres e mães ocupam papel

primordial no acompanhamento das crianças em seu processo de desenvolvimento. Preocupam-se com a segurança, com as questões psicológicas, com a educação e o desenvolvimento de valores morais. A efetiva rede de apoio social que envolve essas famílias é desenvolvida a partir das relações que as mães e mulheres estabelecem com o resto da comunidade ou fora dela. Essa rede acaba por ser um dos grandes aliados dessa família quando a mesma carece de serviços de saúde e de educação. De modo informal, pessoas que fazem parte desse círculo de suporte social são capazes de ouvir e ser ouvidas, partilhar conhecimentos sobre a educação de seus filhos e aconselhar-se mutuamente.

De um modo geral, as famílias fazem uso de toda a rede de apoio que possuem em diversos momentos da vida cotidiana. Quando os recursos que possuem para proteger e educar suas crianças ou mesmo quando passam por estados de privação e desamparo físico, social, emocional ou financeiro, elas são auxiliadas informalmente e sistematicamente até que tudo esteja resolvido. Essas ajudas ou contribuições oferecidas pela rede social não são cobradas ou não se espera nada como contrapartida, como no caso de mutirões para construção de uma casa ou para a reforma e ampliação de uma laje, apontados por uma das famílias entrevistadas.

Enfim, pode-se afirmar que o suporte ou apoio social oferecido por essas redes humanas de proteção e solidariedade não podem ser medidos pelo que se tem ou pelo que se oferece, mas pela forma como o indivíduo percebe cada uma dessas ajudas. As famílias da comunidade pesquisada revelaram em seus relatos um intenso respeito por todas as pessoas e instituições com as quais interagem, além de dar um significado de pertencimento ao grupo a essa rede de apoio com a qual convivem, significado este que vem ao



encontro do que afirmam Andrade e Vaitsman (2002), ao apontar em que, quando as pessoas ou famílias podem compartilhar seus valores, descobrem conseqüentemente que têm necessidades e objetivos em comum e que ao partilharem esses valores são capazes de fomentar uma intensa força de integração e coesão de um grupo. Para as autoras, esse sentimento de grupo presente nas pessoas que compartilham espaços e sentimentos na mesma

comunidade oferece suporte para melhorar a autoestima e contribui para a qualidade de vida. Desse modo, o apoio social compartilhado pelas redes de relações e a força promotora de suporte emocional e social para essas famílias constituem importante fator para o enfrentamento de adversidades e privação das quais as famílias da comunidade investigada compartilham.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, G. R. B.; VAITSMAN, J. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 7, p. 925-934, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232002000400023&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232002000400023&nrm=iso)>.

ARAÚJO, Y. B.; NEUSA C.; GOMES I. P.; NÓBREGA R. D. Enfrentamento do adolescente em condição crônica: importância da rede social. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 64, p. 281-286, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672011000200010&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000200010&nrm=iso)>.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CARDOSO C. L.; FÉRES-CARNEIRO, T. Sobre a família: com a palavra, a comunidade. *Estud. pesqui. psicol*, v. 8, n. 2, ago. 2008.

CERQUEIRA, M. B. Pobreza, periferia e diversidade cultural: desafios para a saúde. *BIS. Boletim do Instituto de Saúde (Impresso)*, v. 12, p. 138-142, 2010. Disponível em: <[http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-18122010000200007&nrm=iso](http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-18122010000200007&nrm=iso)>.

DUE, P.; HOLSTEIN, B.; LUND, R.; MODVIG, J.; AVLUND, K. Social relations: network, support and relational strain. *Soc Sci Med*, v. 48, n. 5, p. 661-673, Mar 1999. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10080366>>.

GARMEZY, N. Resiliency and Vulnerability to Adverse Developmental Outcomes Associated With Poverty. *American Behavioral Scientist*, v. 34, n. 4, p. 416-430, March 1 1991. Disponível em: <<http://abs.sagepub.com/content/34/4/416.short>>.

GLASER, B.; STRAUSS, A. *The discovery of Grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine, 1967.

GONÇALVES, T. R.; PAWLOWSKI, J.; BANDEIRA, D. R.; PICCININI, C. A. Avaliação de apoio social em estudos brasileiros: aspectos conceituais e instrumentos. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, p. 1755-1769, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232011000300012&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000300012&nrm=iso)>.

JUSSANI, N. C.; SERAFIM, D.; MARCON, S. S. Rede social durante a expansão da família. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, p. 184-189, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672007000200011&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000200011&nrm=iso)>.



MARCON, S.; ZANI, A.; WAIDMAN, M.; *et al.* Rede social e família: o olhar sensível dos enfermeiros construtores da prática *Cienc Cuid Saude* v. 8, n. sup, p. 31-39, 2009.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 4, p. 0-0, 2004. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100006&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100006&nrm=iso)>.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. Brincadeira e práticas educativas familiares: um estudo com famílias de baixa renda. *Interações estud. pesqui. psicol*, v. 11, n. 21, p. 143-164, jan.-jun. 2006.

OLIVEIRA, M. L. S.; BASTOS, A. C. S. Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos. *Psicol. reflex. crit*, v. 13, n. 1, p. 97-107, jan-jun 2000.

SARTI, C. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2003.

STRAUSS, A. *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*. London: Sage publications, 1990.

YUNES, M. A. M.; GARCIA, N. M.; ALBUQUERQUE, B. M. Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, p. 444-453, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722007000300012&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000300012&nrm=iso)>.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva e grounded-theory: estratégias metodológicas para compreensão da resiliência em famílias. *Interamerican journal of psychology*, v. 39, n. 3, p. 431-438, 2005.

Recebido para publicação em 20.11.2010

Aceito em 18.12.2010.